This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Stanford University Libraries
3 6105 024 478 815

Sodré

LA 558.3 S63

STANFORD UNIVERSITY
STAIS LIBRARIES

0,50

SOBRE A CREAÇÃO DE UNIVERSIDADES
NO BRASIL.

CONFERENCIAS

Feitas no salão nobre da Escola Polytechnica

A CONVITE DA

Federação Academica

PELO

Dr. A. A. de Azevedo Sodré

Professor da Faculdade
de Medicina do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO
Typ. do *Correio da Manhã*.—Ouvidor 117

1903

LH5501
S63

SOBRE A CREAÇÃO DE UNIVERSIDADES

NO BRASIL (1)

"Sr. presidente e mais membros da Federação Academica:

Não quizestes acceitar as minhas reiteradas excusas, e, apontando-me insistentemente este posto, nem mesmo reflectistes na condição precaria e difficil que me creaveis, collocando-me entre o antigo parlamentar e notavel professor, que tão brilhantemente iniciou esta série de conferencias, e os não menos preclaros oradores que vão succeder-me nesta tribuna.

Eis-me, porém, submisso e obediente no cumprimento de vossas determinações, luctando por vencer o natural acanhamento

---

(1) Conferencia realisada no dia 16 de maio, em presença de s. ex. o sr. ministro da justiça e outras pessoas gradas.

que me constrange, por dissimular a timidez que me avassala o animo, por dominar o receio que me assoberba o espirito, apprehensivo pela quasi certeza da improficuidade dos meus esforços, satisfeito e jubiloso por poder aproveitar a opportunidade que se me offerece para corresponder á gentileza e attenções de que me tendes cumulado, para render uma homenagem de apreço a esta mocidade academica, tão altiva quão generosa, em cujo convivio tenho passado os melhores annos de minha vida.

Meus senhores: — Viestes a convite da Federação Academica, arrostando semelhante tempo, assistir a uma conferencia sobre Universidade, assumpto de alta transcendencia, capaz de inflammar os estos oratorios do mais timido estreante; e, como latinos que sois, habituados a esta espontaneidade e vivacidade da palavra, tão peculiares á nossa raça, vos persuadistes, naturalmente, de que vinheis ouvir um discurso, amoldado ás exigencias da eloquencia, ataviado de flôres de rhetorica, enriquecido de bellas imagens. Mais completo não podia ser o vosso engano e, para evitar uma decepção, sempre desagradavel, permitti que desde já procure varrer de vosso espirito tal idéa. Quem vos dirige a palavra é, por indole e temperamento, avesso á tribuna; nunca se julgou com a capacidade precisa para fazer... nem mesmo um brinde

de baptisado. Esta simples consideração é bastante para que lhe perdoeis as innumeras incorrecções e lhe dispenseis a mais decidida benevolencia. Por este favor e pelo sacrificio que fizestes vindo ouvir-me com tão máo tempo, desde já vos antecipo os mais sinceros agradecimentos.

Permitti, sr. ministro, que em meu nome e no de todos os circumstantes eu vos apresente os protestos de nosso mais profundo reconhecimento pela vossa presença neste recinto.

A subida honra que nos destes vindo assistir a esta conferencia é mais um formal testemunho do interesse que vos despertam as questões do ensino e mais uma confirmação das esperanças que depositamos em vossa auspiciosa e fertil passagem pela pasta da instrucção publica.

Senhores: — O assumpto de que vou occupar-me é tão vasto, de tanta magnitude e importancia, que se me afigura tarefa arriscada e quasi sobrehumana explanal-o em uma só conferencia. Entretanto, não está nos meus intuitos e propositos encaral-o por todas as suas faces e aspectos, examinal-o em todos os seus detalhes e minucias, pronunciar-me, emfim, sobre todas as questões a elle attinentes. Ainda mesmo restricto aos limites que vou traçar, elle é bastante extenso para que de antemão eu me sinta embaraçado deante das difficul-

dades para resumir e abreviar sem sacrificio dos pontos capitaes.

Com o fim de poupar tempo e proceder com methodo e clareza, vou desde já enunciar quatro proposições, verdadeiros postulados, cujos dois primeiros servirão de thema a desenvolver nesta conferencia.

1.ª A creação de uma Universidade no Brasil poderá ser realizada sem augmento de despezas para os cofres publicos.

2.ª Posto que destinadas ainda a prestar incontestaveis serviços ao progresso e civilisação de um povo, as universidades não poderão hoje em dia ter a mesma organisação, nem gozar das mesmas regalias e privilegios, nem exercer a mesma influencia preponderante de outr'ora.

3.ª Dadas as condições politico-financeiras do Brasil no actual momento historico, só pela reorganisação total e completa do ensino nos moldes universitarios se conseguirá uma solução satisfactoria para os problemas da instrucção secundaria, superior e do exercicio profissional.

4.ª A's universidades brasileiras não se poderá nem se deverá applicar cégamente nenhuma das organisações européas; para que dêm resultados proficuos devem ellas ser organisadas de modo um tanto original, conservando as tradições do nosso ensino e as conquistas por elle realizadas, e amoldando-se á influencia do meio em or-

dem a attender á indole e estado de civilização do povo brasileiro, mui diversos dos observados em qualquer paiz da Europa.

O termo Universidade desperta entre nós duas correntes de ideias bem differentes segundo a orientação pessoal d'aquelles que se occupam do assumpto. Para uns, a Universidade é uma instituição de utilidade incontestavel, porém luxuosa, dispendiosa, obrigada a um grande edificio, a installações vastas e sumptuosas e á uma organisação *au grand complet* que abranja o ensino de todas as sciencias desde a philosophia até a astronomia, desde a biologia até a moral, e de todas as linguas e litteraturas desde o grego e o sanscripto até o guarany, exigindo portanto sacrificios de dinheiro que não seriam absolutamente compensados.

Estes que assim pensam representam a grande maioria; foram elles que crearam obstaculos e até hoje se oppuzeram á installação de Universidades no Brasil.

Para outros a Universidade é uma instituição pretenciosa e caduca, incompativel com o estado de civilisação actual no occidente, reducto de scientistas apressados, de metaphisicos e lettrados e não raro de pedantes querendo exercer sobre a ordem moral e intellectual uma influencia para a qual não têm o necessario preparo.

Os que pensam por esta forma constituem uma pequena minoria, forte e compacta,

composta de pessoas illustradas, entregues a estudos philosophicos e sociaes, lidos em Augusto Comte e Herbert Spencer.- São elles os que de ora'em diante hão de offerecer resis'encia e crear embaraços á realisação da projectada reforma do ensino no Brasil.

Estas duas correntes de ideias, encontrando á primeira vista possivel apoio na apreciação superficial dos factos historicos, são a meu ver hoje em dia insubsistentes, carecem de justificação plausivel e não podem nem devem perdurar.

A palavra Universidade, significando generalidade, totalidade, foi outr'ora applicada para designar as Academias ou Institutos onde se ensinavam todas as sciencias, e se reuniam em um só edificio todos os mestres e discipulos. A este termo ligava-se intimamente a ideia de corporação, porque a Universidade, *universitas magistrorum et scholarium*, se constituiu desde o começo em verdadeira associação ou corporação livre destinada ao ensino das sciencias puras, mórmente o das sciencias de cultura geral, subordinando tal ensino á mesma direcção e ao mesmo systema. Com o correr dos annos foram ellas adquirindo prerogatívas e privilegios, destacando-se entre estes o da concessão de gráos e titulos para o exercicio das profissões liberaes. Muitas d'ellas tiveram que adaptar-se a esta

nova funcção, tornando-se ao mesmo tempo escolas profissionaes.

Não pararam, porém, ahi as suas modificações. No evolver successivo de tantos annos e seculos, para acompanharem o progressivo e crescente desenvolvimento das sciencias, para amoldarem-se á indole peculiar a cada povo, para accommodarem-se á influencia dos governos, ás vicissitudes das revoluções, ás contingencias das guerras, tiveram ellas de experimentar grandes mutações, de passar por modificações variaveis segundo os paizes. Não ha, pois, hoje em dia uma organização univoca e identica para todas as Universidades. A de Salamanca, por exemplo, differe profundamente da de Berlim ; estas duas por sua vez não se parecem absolutamente com as de Oxford e Philadelphia, e as 4 são completamente dissemelhantes da de Paris.

Até mesmo a accepção exacta que deve ter o vocabulo universidade não é egual em todos os paizes. Parecerá isso uma questão de nonada ; entretanto, uma das razões que poderosamente contribuiram para que a França não possua hoje universidades organisadas mais ou menos segundo o modelo allemão, foi justamente essa referente á accepção da palavra.

Em 1883 o ministro Julio Ferry, impressionado pelas informações favoraveis dos delegados francezes que foram estudar a

organisação do ensino na Allemanha, quiz fazer uma grande reforma da instrucção publica em Fran;a e mandou que a respeito se pronunciassem as corporações docentes das diversas Faculdades. Estas, na sua grande maioria, responderam pela affirmativa, isto é, no sentido da projectada reorganisação. Neste entrementes, porém, cahe o ministerio Ferry, e o sr. Réné Goblet, ministro da instrucção publica do novo gabinete, não quiz levar avante a reforma, dando como primeiro motivo, entre outros, o valor do termo universidade que, em França, serve para exprimir a reunião de todos os professores e de todos os ensinos ministrados por ordem e sob a direcção do Estado.

Permitti que vos leia um trecho da exposição de motivos dirigida pelo ministro Goblet ao Presidente da Republica :

"Presque toute les Facultés, frappées des inconvenients de plus d'une sorte qui resultent pour elles et pour l'enseignement de l'isolement où elles ont vécu jusqu'ici, ont demandé à être groupées en Universités analogues à celles des autres pays de l'Europe. Je n'ai pas cru que le moment fut venu de réaliser une telle réforme. Plusieurs raisons m'ont paru s'y opposer. La première c'est que, en France, le mot d'Université sert, depuis trois quarts de siècle, à designer l'ensemble de nos institutions

d'enseignement public. Constituer des universités dans l'Université, avant que l'opinion se soit faite à cette idée, pourrait paraître une atteinte à l'unité de l'enseignement national."

Permitti egualmente que eu vos leia um trecho do relatorio dirigido na mesma época ao conselho superior de instrucção publica pelo sr. Liard, actual reitor da Universidade de Paris:

"La plupart des Facultés ont été d'accord pour demander la concession de la personalité civile avec les privilèges et les franchises qui en découlent, la pleine liberté de leur enseignement, une plus grande indépendance administrative, enfin la concentration de leurs forces en universités... ...Si les Universités ne devaient pas s'appeler des universités,il y aurait un gros obstacle de moins à leur constitution. Etymologiquement, université veut dire corporation, et donner ce nom à des corporations d'enseignement supérieur, c'est le rendre à sa destination primitive. Mais, en France, l'usage, qui n'a pas cessé d'être le maître des mots, a donné au mot université un sens tout différent. Dans notre langue courante, l'Université c'est l'Etat enseignant, c'est l'ensemble de nos trois ordres d'enseignement public, et cette aception du mot, si irrégulière qu'elle puisse être, est devenue populaire et quasi nationale."

Destes dois trechos que venho de ler resalta o reconhecimento pela maioria das Faculdades francezas da efficacia do regimen universitario e da superioridade da organisação allemã. Delles se infere egualmente que a accepção do vocabulo universidade não é a mesma para todos os paizes.

As differenças que existem entre as diversas universidades européas e americanas não se limitam tão sómente á sua organisação intima e ás prerogativas e franquezas de que gozam; estendem-se tambem ás disciplinas de cujo ensino se incumbem, ás installações de que dispõem e á maior ou menor elasticidade dos respectivos orçamentos.

Não existe uma unica Universidade no mundo em que se ensine todas as sciencias puras e de applicação. Nas universidades allemães, por exemplo, não se estuda a engenharia em nenhuma de suas multiplas especialidades: engenharia civil, mecanica, industrial, agronomica, mineralogica, etc. Das universidades italianas foi supprimido por completo o ensino da theologia. Dentro do mesmo paiz a extensão do ensino varia de uma Universidade para outra; a Italia possue ainda Universidades maiores e menores; na Allemanha ha Universidades em que se aprendem apenas as sciencias fundamentaes e essenciaes e outras em que o numero de disciplinas ensinadas é muito

maior. As Faculdades de Lettras, por exemplo, das universidades de Bonn, Heidelberg, Halle, Wurzburg e Leipzig, não têm a organisação luxuosa da de Berlim, onde leccionam 56 professores ordinarios e 45 extraordinarios. Um d'estes professores occupa-se exclusivamente com a interpretação de Horacio e Sophocles; outro acha-se encarregado do ensino da grammatica mexicana e da religião e culto dos mexicanos; outro ensina a interpretação dos hieroglyphos e elementos da lingua egypcia; outro explica a grammatica arabe, faz commentarios sobre o Alcorão e expõe a vida de Mahommet. Na Universidade de Leyde ha uma cadeira especial para o ensino da lingua chineza.

Quanto a edificios e installações, mais sensiveis ainda são as differenças. Ao lado de sumptuosos palacios feitos a capricho onde funccionam as Universidades de Berlim e Vienna, por exemplo, encontram-se outras, como as de Salamanca e algumas da Italia, alojadas em velhos casarões, feios e lugrubres, em antigos conventos reformados.

A reunião em um só edificio de todas as Faculdades é hoje geralmente condemnada. No edificio central acham-se de ordinario installados a administração, secretarias, bibliotheca, salão de festas e quando muito effectuam-se ahi as aulas theoricas. Todo

o ensino de caracter pratico é feito fóra em edificios isolados e adaptados aos fins a que se destinam.

Já vedes, pois, senhores que para a creação de uma Universidade não ha mister um grande edificio, nem tão pouco se carece de installações luxuosas e sumptuosas. Por outro lado, não existindo um typo uniforme e identico para todas as Universidades, poderemos adoptar a organisação que melhor nos convenha e, *ipso facto*, pôr á margem, esquecer a preoccupação, até hoje dominante em nosso meio, de que em uma Universidade deve-se ensinar todas as sciencias, todas as artes, todas as litteraturas.

Como sabeis, não é de hoje que se cogita em crear uma Universidade no Brasil. Esta aspiração nasceu com a nossa nacionalidade, preoccupou a attenção dos deputados brasileiros reunidos em Assembléa Constituinte após a independencia, e, mais tarde, durante o 1°. e 2°. imperios foi por diversas vezes suggerida aos nossos governantes, encontrando sempre obstaculos creados pela questão financeira. D. Pedro II, cuja solicitude e interesse pelo progresso do ensino no Brasil a ninguem é dado contestar, manifestou sempre o maior empenho na fundação de uma Universidade, mas, tanto elle como os seus ministros, dominados por aquella primeira corrente de idéas a que me referi, hesitavam deante das grandes despezas exi-

gidas para a realisação do plano. Só no fim do seu reinado sahio o governo brasileiro do terreno dos desejos e aspirações, dando o primeiro passo firme e resoluto para a execução da grande obra. Mandou-se construir os vastos edificios da praia da Saudade e o ministro do Imperio, em 1881 submetteu á apreciação das congregações de nossas Faculdades um projecto para a creação da Universidade do Rio de Janeiro ou antes do Brasil, porque era uma Universidade nos acanhados moldes francezes, abrangendo todos os Institutos de ensino mantidos pelo governo na Corte e provincias.

Não entrarei na analyse deste projecto; dir-vos-hei apenas que elle consagrava a creação de uma Faculdade de Theologia e de uma Faculdade de Lettras na qual existiam cadeiras especiaes para o ensino da lingua sanscripta, da litteratura semitica, da archeologia, da historia syncretica dos estados americanos, etc. etc.

Tal projecto não podia despertar enthusiasmos: o estado de civilisação attingido pelo povo brasileiro n'aquella épocha e que poucos annos depois devia concretisar-se na sabia e libarrima lei da separação da Egreja do Estado, não permittia a creação de uma Faculdade de Theologia. E um paiz, parco de recursos financeiros, que não possuia ainda um ensino regular de sciencias phy-

sicas e naturaes, cujas Faculdades, sem laboratorios nem gabinetes, pauperrimas de material de ensino, definhavam a olhos vistos, não podia nem devia desviar dinheiro para a construcção de vastos edificios mal collocados e para a installação de ensinos de utilidade pratica mui problematica, como o sanscripto, a litteratura semitica, etc.

Não admira, pois, que os estadistas da Republica, melhor avisados, jámais quizessem reviver semelhante projecto e tivessem sempre ouvidos moucos para aquelles que lhes falavam em fundação de Universidades.

Partindo para a Europa, em principio do anno passado, levei o proposito firme de estudar a organisação do ensino nos paizes mais civilisados e de colher elementos seguros que me habilitassem a concorrer de alguma sorte para o progresso de meu paiz e bem estar da classe a que pertenço. De volta, conhecendo as idéas dominantes em nosso meio e os obstaculos que teria a vencer, foi minha primeira preoccupação provar ao governo que se podia fundar uma Universidade, com real proveito para o ensino sem augmento de despezas para os cofres publicos e até mesmo com verdadeira economia. Esta preliminar se impunha, a meu ver, imperiosamente; só por meio d'ella ser-me-hia possivel obter a acquiescencia do governo, captar as sympathias da opinião publica e fazer jús á attenção do Congresso.

Felizmente encontrei no posto mais culminante da publica administração um estadista de valor, animado das melhores intenções, e á frente do departamento da instrucção publica um espirito atilado, perspicaz, esclarecido, professor abalisado de uma de nossas Faculdades e como tal conhecedor das necessidades do ensino, com respeito ao qual nutre as mais louvaveis e beneficas disposições.

Puz mãos á obra e, enfrentando o problema financeiro consegui elaborar um plano para a creação de uma Universidade, com real proveito para o ensino, com incontestaveis vantagens para o professorado e com economia para os cofres publicos; e isso sem embargo de consignar o meu projecto a creação de mais duas Faculdades e de prover os laboratorios e bibliothecas com melhores dotações. Tal preoccupação financeira, como era de prever, tolheu-me de alguma sorte a liberdade, obrigou-me por vezes a fazer o que não queria e a deixar de fazer o que desejava. Mas, estava vencida a preliminar, transposto o Rubicon, e isto me bastava.

Para conseguir o desideratum houve mister organisar a Universidade com o caracter de corporação semi-livre, dando-lhe autonomia administrativa e personalidade juridica; creando ao mesmo tempo para ella um patrimonio, não virtual e illusorio como o que para nossas Faculdades foi instituido

pelo Codigo de Ensino, mas, efficaz, dispondo de fontes productivas de renda. Avoquei para esse patrimonio as taxas de matricula e exames até hoje percebidas pelo Estado, as de exames de preparatorios, de sufficiencia, as relativas a titulos e diplomas.

Creei novas fontes de renda até hoje mal aproveitadas; emfim, baseado em calculos pouco optimistas, orcei para este patrimonio, uma renda annual de 300 contos approximadamente.

Augmentei, é verdade, em justa medida, as taxas de matricula e exames; mas, haveis de convir na extrema modicidade, na insignificancia das quantias actualmente percebidas pelo Thesouro em troca do ensino superior. Este é, entre nós, para que assim o digamos, gratuito.

Na França, que é o paiz da Europa onde o ensino superior é mais barato, o alumno paga por anno 20 francos de matricula, 10 francos de direito á frequencia da bibliotheca, e 200 francos de inscripção nos cursos. Si quizer frequentar um laboratorio de pesquizas pagará ainda de 50 a 200 francos por trimestre. Accrescentem-se a estas parcellas as taxas de exames, de theses, de diplomas, etc., e compare-se a somma total com a despendida pelos alumnos em nossas Faculdades.

Acredito ter demonstrado que a creação de uma Universidade entre nós é possivel sem

augmento de despezas, devendo, pois, cessar os obstaculos oppostos por aquelles que viam n'ella uma installação luxuosa, dispendiosa e quiçá inutil ou, pelo menos, não compensando os sacrificios exigidos.

Passarei agora a analysar rapidamente a segunda corrente de idéas a que me referi, desenvolvendo concomitantemente a minha segunda proposição.

Os positivistas orthodoxos, isto é, aquelles que acceitam sem discrepancia toda obra do immortal philosopho e commungam nas suas ideias religiosas, oppõem-se á creação de Universidades e mesmo á permanencia das Faculdades officiaes. E' opinião esta que muito respeito e acato, sem adoptar, embora esteja disposto, na organisação scientifica das Faculdades, a pedir largos subsidios á classificação e systematisação das sciencias adoptada pela escola positivista. Não posso, porém, admittir nem relevar que os não filliados a essa doutrina ou seita desconheçam os incontestaveis serviços prestados ao progresso e á civilização da humanidade, no decurso de tantos seculos, por estes Institutos de origem medieval, e não queiram ver e apreciar os serviços de alta valia que á sciencia hodierna estão prestando muitas destas instituições por elles condemnadas.

Não ha historiador insuspeito, não ha critico imparcial que não registre e assi-

gnale taes serviços O proprio povo sempre os reconheceu e ao alvorecer da edade moderna, perfeitamente inteirado, pedia aos dominadores e poderosos, não *panem et circensis*, como nos tempos dos Cesares, porém, a fundação de Universidades. O seguinte facto é bastante significativo para que eu não me furte ao prazer de vol-o lembrar. Depois da derrota dos hespanhoes junto aos muros de Leyde em 1574 e do levantamento do cerco que se prolongára por 4 mezes, durante os quaes a miseria e a fome devastaram as horoicas fileiras hollandezas, o principe de Orange, Guilherme, o Taciturno, em testemunho solemne da gratidão da Hollanda á invicta cidade, perguntou qual das duas cousas ella preferia: — a abolição de todos os tributos ou a creação de uma Universidade. Os habitantes, consultados, optaram pela Universidade. E assim se fundou este importante Instituto de ensino que teve a honra de contar entre os seus professores Marnix de Sainte Aldegonde, o grande fundador da nacionalidade hollandeza e Boerhaave, o immortal reformador da medicina gallenica.

Para dar-vos uma idéa da influencia exercida pelas Universidades sobre a religião e correlativamente sobre a civilização, basta lembrar-vos que foi da Universidade de Wittenberg, fundada em 1502 pelo gran-

de eleitor Frederico, o Sabio, que partiu a Reforma; foi ahi que Luthero publicou e sustentou suas famosas theses que deviam constituira base de uma nova seita religiosa e exercer tão notavel influencia sobre a marcha da civilização.

Eu poderia multiplicar os factos, repetir citações em ordem a demonstrar-vos a preponderancia de que gosaram outr'ora as Universidades e a influencia por ellas exercida sobre a politica, a religião, os costumes, o progresso da sciencia e os destinos da humanidade.

Corporações privilegiadas, constituindo verdadeira republica no Estado, na phrase de Helder, dispunham ellas da mais absoluta autonomia e de prerogativas muitissimo especiaes, como o direito de burguezia academica e a jurisdicção com fôro especial para os seus alumnos.

Esta influencia absorvente, este exaggerado predominio de outr'ora, este Estado no Estado, é que se tornaram incompativeis com a civilização actual. Tambem ninguem pode cogitar, hoje, em dia em crear uma Universidade nos moldes medievaes. Razão de sobra teve a illustre commissão do Gymnasio Nacional quando, em seu luminoso e mirifico parecer, escreveu:—« A conservação destas instituições no molde primitivo em que as vasaram seria um instrumento de suicidio nas mãos das nacio-

nalidades que o tentassem ; a fundação de outras em nossos dias, obedecendo a esse plano antiquado, fôra a maior prova de menosprezo a todas as leis da logica e da fatalidade historica »

O progresso tem suas leis fataes, e, ainda com respeito ao assumpto de que me occupo, offerecem ellas frizantes exemplos. As universidades que conservaram mais ou menos a primitiva organização, que se insularam em suas gloriosas tradições, como as de Oxford e Cambridge, ou as que acompanharam a passo muito moroso e retardado o movimento evolutivo, como a de Salamanca, estão em franca decadencia, não correspondem ás exigencias actuaes. O mesmo não acontece, porém, ás universidades allemães, austriacas, suissas, hollandezas, italianas, belgas, etc.

Não ha quem, interessado no assumpto, vá á Allemanha e não reconheça a superioridade do ensino ahi ministrado e a influencia exercida pelos seus institutos sobre os progressos da sciencia.

Lêde, senhores, os relatorios dos medicos inglezes, americanos e francezes, e entre estes os dos professores Jaccoud e Blanchard, commissionados pelos respectivos governos para estudarem a organização do ensino na Allemanha. Lêde o longo e substancial relatorio do nosso eminente patricio o sr. senador Virgilio Damasio e o do

não menos illustre professor Domingos Carlos da Silva; lêde as eloquentes cartas do nosso inolvidavel compatriota Manoel Victorino Pereira, escriptas de Vienna d'Austria para a *Gazeta Medica* da Bahia; e vereis como de todos estes documentos resumam a rehabilitação completa do ensino universitario e a superioridade de que neste particular gosam as universidades do typo allemão. Não é uma questão de raça porque os hungaros, os tchecos, os polacos, os hollandezes não são allemães, e as universidades de Budapest, Praga, Cracovia, Leyde, Utrech e Amsterdam são fócos resplandecentes de luz e progresso.

Os que combatem o regimen universitario por julgal-o incompativel com a civilização moderna, lembram e insistem pela creação de escolas technicas e profissionaes. Eu convenho que taes escolas disseminadas pelo vasto territorio brasileiro sejam destinadas a prestar no actual momento grandes serviços.

Quem não póde ter o mais, contenta-se com o menos, e já que não nos é dado, por falta de recursos financeiros, fundar universidades em Porto-Alegre, Matto-Grosso, Goyaz, Minas, Maranhão e Pará, promovamos ao menos nestes Estados a installação de escolas praticas, modestamente organizadas, onde os habitantes possam adquirir a necessaria instrucção profissional.

Mas, a creação de uma ou mais universidades no Brasil em nada se oppõe á execussão dessa idéa; ao contrario vem facilital-a sobremaneira. Actualmente não seria possivel a creação de taes escolas, visto a legislação vigente exigir tenham ellas a mesma organização das grandes Faculdades federaes. Por outro lado, onde os recursos para manter e custear taes estabelecimentos? Não nos illudamos; da União, dos Estados, da iniciativa particular, no actual momento historico, muito pouco ha a esperar. O meu projecto, revogando a legislação em vigor e confiando á propria Universidade a iniciativa na creação das escolas praticas, vem sobremaneira facilitar a tarefa.

Precisamos convir que taes escolas não representam nem podem exprimir a ultima palavra em materia de instrucção profissional; devem ter caracter provisorio, constituir uma interinidade, uma transicção. Por toda a parte onde funccionam, obedecem ellas á tendencia pratica da época, justificam o lemma inglez *times is money*. Os moços que as frequentam não querem perder tempo com estudos que se lhes afiguram dispensaveis; fazem taboa rasa das questões especulativas, desdenham o estudo das theorias e systematizações, evitam as pesquizas scientificas e contentam-se com uma cultura intellectual muitissimo deficiente.

Destas escolas jamais sahirá um Bichat,

um Morgagni, um Lavoisier, um Lister, um Virchow, um Pasteur. Sahirão, em compensação, muitos homens praticos que, no menor praso de tempo possivel, adquiriram a indispensavel somma de conhecimentos para ganhar dinheiro no exercicio de uma profissão liberal.

Cumpre-nos, senhores, oppor uns tantos obstaculos a esta tendencia pratica que vae avassalando toda a sociedade moderna, a esta preoccupação utilitaria de proventos materiaes, muito pouco nobre e generosa nos cerebros de moços que ainda não iniciaram a vida profissional. Para isso, nada melhor do que pôl-os em contacto durante alguns annos com a sciencia pura, em um logar onde o seu culto desinteressado tenha sacerdotes e altares, onde se desperte o interesse pela pesquiza scientifica, onde se aviventem o amor da gloria e a ambição de renome, onde, finalmente, do convivio de mestres e discipulos se aprenda que a vida deve ter um idéal mais nobre e elevado do que a preoccupação material do ganho.

Felizes as nações, cujas Universidades, verdadeiros templos da sciencia, consigam exercer esta acção moralisadora! Felizes os jovens que possam enfrentar a luta pela existencia.

Ayant contre la vie à quelques jours méchante
L'idéal qui sourit et la muse qui chante.

SEGUNDA CONFERENCIA

«Sr. ministro e vós senhores, que tivestes a extrema condescendencia de dispensar a mais benevola attenção e generoso acolhimento á minha primeira conferencia, não esquecestes por certo que, limitando o assumpto vasto e complexo, estabeleci quatro proposições, das quaes duas apenas permittiu-me o tempo analysar e desenvolver. Acredito, porem, ter demonstrado quão infundadas e insubsistentes são hoje em dia as duas correntes de ideias em que se biparte a opinião publica no Brasil, com respeito á fundação de universidades, e no desempenho d'esta tarefa vistes como procurei conduzir a argumentação em ordem a justificar os meus dois primeiros portulados

Passo sem mais preambulos aos dois ultimos, cuja analyse vae conduzir me ao amago do assumpto, á parte que mais de perto vos deve interessar, á demonstração

da necessidade que temos de crear universidades e á discussão do typo que mais nos convem adoptar.

«Dadas as condições politico-financeiras do Brasil no actual momento historico, só pela reorganisação do ensino nos moldes universitarios se conseguirá uma solução satisfactoria para o problema da instrucção secundaria e superior e para o do exercicio profissional.»

Parecer-vos-ha temeraria e arrojada esta proposição, terceira que formulei para servir de thema ao debate : nutro, porém, a velleidade de poder convencer-vos do contrario, só lamentando que o tempo de que disponho me force a resumir e abreviar e não me permitta dar ao assumpto o desenvolvimento que comporta.

Vejamos, srs., como se nos apresentam, no actual momento, os problemas a que me referi e quaes as melhores soluções que poderemos offerecer-lhes.

Não ha um só de entre vós, não ha uma unica pessoa em todo o Brasil, de entre os que se interessam pelas cousas do ensino, que não veja, não sinta e não lastime a crise que lavra no campo da instrucção secundaria. Não ha um só professor, um unico publicista que não tenha já percebido o declive em que n'este particular vamos arrastados e não reconheça o estado de decadencia e inferioridade a que já at-

tingimos n'este caminhar rapido e vertiginoso pela estrada das concessões e favores.

Um festejado escriptor que honra as columnas do *Correio da Manhã*, o sr. Rocha Pombo, não ha dois mezes ainda profligou este estado de cousas e, depois de asseverar que a questão do ensino preparatorio assumia entre nós proporções gravissimas, emittiu o seguinte conceito, judicioso e exacto:

«Em summa, o que está liquido na consciencia de todo o mundo é que semelhante estado de cousas não póde continuar sem grandes desastres para o nosso futuro. Uma democracia, já não diremos apenas sem alta cultura, mas sem instrucção que a habilite a concorrer com outros povos nesta luta pela vida que cada vez se torna mais tremenda, seria o mais extranho e collosal dos absurdos imaginaveis.»

Pelas columnas edictoriaes d'*O Paiz*, um abalizado professor de humanidades e distincto literato, o sr. Osorio Duque Estrada, verberou egualmente em termos severos e justos, este estado de degradação que chegou entre nós o ensino secundario.

S. ex. o sr. ministro da Justiça, confirmando mais uma vez as boas intenções que nutre com respeito ao ensino, chamou para o assumpto a attenção do Presidente da Republica, consignando no seu bem ela-

borado relatorio as informações que a respeito lhe prestaram os auxiliares da administração.

Permitti que eu vos leia em resumo algumas destas informações. Ouvi o que disse o delegado do governo juncto ao Gymnasio da Bahia:

«E' doloroso ao espirito do observador ponderado e experiente esse espectaculo deploravel do abastardamento da instrucção secundaria, condição basica, entretanto, da envergadura literaria e scientifica do futuro cidadão, ao qual não é justo se cortem as garantias para solidez de seu preparo,que depararia forte apoio no desaparecimento completo dos exames parcellados e na instituição exclusiva do exame de madureza obrigatorio.»

Apreciai agora o que escreve o delegado fiscal do governo juncto ao Gymnasio Nogueira da Gama:

«Attribuo este facto á notoria facilidade havida nos exames parcellados na capital do Estado de S. Paulo. Varios alumnos reprovados neste Gymnasio, em novembro e dezembro, em exames de promoção, foram approvados em exames finaes, em S. Paulo, nas mesmas materias *d'ahi a um mez*. Outros, approvados apenas em exame de promoção, em materias cujo estudo deveriam fazer por mais dous annos, alcançaram approvação plena *em exame final prestado*

perante as mesas de preparatorios parcellados. Dois alumnos, finalmente, approvados apenas em latim no 3º anno, que é o primeiro anno desta materia no curso gymnasial, foram dahi a um mez approvados *com distincção em exame final* perante aquellas mesas, em S. Paulo.»

Finalmente, permitti que vos leia um topico do relatorio apresentado pelo meu talentoso e illustrado collega, dr. Alfredo de Britto, director da Faculdade de Medicina da Bahia:

« Não terminarei sem que, ainda uma vez, a exemplo dos que me antecederam neste posto, assim como de todos que seriamente se interessam pelo futuro da instrucção no paiz, levante a minha voz contra a continuação da praga dos exames parcellados de preparatorios, que ameaça anniquilar completamente o ensino, trazendo para as Faculdades superiores uma legião de candidatos sem o preparo sufficiente para os cursos em que se matriculam. Não ha esforços possiveis capazes de levantar e manter um edificio a que faltam por completo as bases ou alicerces indispensaveis. Ou se torna o ensino secundario uma coisa seria em que se possa confiar, ou desapparecerá o ensino superior por inexequivel e inefficaz.»

Como vêdes, o clamor é geral; propaga-se do norte ao sul do Brasil e vae sendo rece-

bido com a maior indifferença por parte daquelles que poderiam oppôr paradeiro a semelhante estado de coisas. Os governos federal e estaduaes têm-se conservado mudos e quedos; parecem já não terem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir. Os jornaes annunciam a constituição de bandos, de verdadeiras romarias de estudantes que se dirigem para certos Estados, onde a benignidade nos exames se tornou proverbial.

Os moços, em sua grande maioria, deixaram-se convencer por suggestões da familia ou por influencia do meio social em que vivem, que os estudos de humanidades são perfeitamente dispensaveis como introducção aos estudos superiores; que para ser-se doutor ou bacharel não ha mister saber-se bem o portuguez, o francez, a geographia, a historia patria, o latim, as mathematicas elementares; que umas tantas noções geraes sobre cada uma destas disciplinas são mais do que sufficientes.

Só uma excepção é ainda tolerada com referencia ás mathematicas elementares para os alumnos que se destinam á Polytechnica. Por isso mesmo esta escola acha-se quasi abandonada; cursos de grande futuro entre nós, como o de engenharia de minas, o de engenharia industrial e agronomica, não tem discipulos.

Em compensação as numerosas Faculda-

des de Direito, officiaes e livres, disseminadas por este vasto paiz, do Pará ao Rio Grande do Sul, contam centenas de alumnos. Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro já se matricularam este anno mais de 1.000 estudantes. Eis uma geração composta de milhares de bachareis e doutores que vão se dispersar pelo Brasil, não dispondo, em sua grande maioria, do necessario preparo em humanidades e tendo, conseguintemente, adquirido uma cultura scientifica e profissional muito deficiente. São, entretanto, os homens do futuro, os legisladores, diplomatas, professores, magistrados e estadistas e hão de forçosamente exercer influencia preponderante sobre os destinos do nosso paiz.

Si nestes que se destinam ás profissões liberaes o preparo é tão incompleto e deficiente, qual não será o dos que se consagram ao funccionalismo publico, ao commercio e á agricultura ?

Não percamos mais tempo em esboçar um quadro que está gravado na imaginação de todos. A instrucção secundaria chegou entre nós a um estado de decadencia lastimavel; reerguel-a é problema ardente, de interesse palpitante da actualidade e que se impõe á attenção dos nossos governantes, exigindo solução prompta e efficaz.

Deante de um mal qualquer, physico, moral ou social, agirá levianamente, precipi-

tadamente quem procurar debellal-o sem conhecimento meditado e profundo das causas que o originaram. Ora, entre nós, não me consta ter havido quem se desse ao trabalho de investigar, calma e reflectidamente, de animo insuspeito e imparcial, estas causas desde a sua origem. Quasi todos a uma só voz apontam o regimen dos exames parcellados e o da equiparação de collegios, fundados e mantidos pela iniciativa particular. E' uma injustiça manifesta. Taes causas concorreram evidentemente para aggravar a situação que nos afflige; não fôram ellas, porém, que a crearam.

No Brasil houve tempo em que o ensino dos preparatorios era uma realidade, em que os moços que se destinavam ás escolas superiores apresentavam-se com uma boa e razoavel somma de conhecimentos de humanidades. Era o tempo em que floresciam entre os academicos os clubs e sociedades literarias; o tempo em que passaram pelos nossos institutos de ensino Odorico Mendes, Maciel Monteiro, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Castro Alves, Francisco Octaviano, José de Alencar, Pedro Luiz, Rio Branco, Belisario de Souza, etc., para não citar sinão os mortos. Era o tempo em que os filhos do Maranhão se distinguiam pelo conhecimento profundo da lingua vernacula; os da Bahia e Minas gosavam da justa fama de latinis-

tas; os do Rio de Janeiro realçava m-se pela facilidade com que manejavam o calculo, pelo preparo em mathematica.

Entretanto, n'esse tempo a verificação de habilitações em humanidade fazia-se pelo exame parcellado, hoje em dia tão stigmatisado.

Quanto ao regimem da equiparação, elle é posterior ao mal de que nos queixamos, foi mesmo instituido como um correctivo a elle, não tendo infelizmente correspondido ás esperanças geraes.

A crise não é de data recente; originou-se ha cerca de 30 annos, a prencipio n'esta capital, donde se propagou logo aos estados e foi, pouco a pouco, se accentuando, se aggravando, sem embargo de algumas medidas, providencias e reformas levadas a effeito pelo governo para o fim de sustal-a. Não se limita ao Brasil, estende-se á França, á Hespanha, a Portugal, á Italia e a quasi todos os povos de raça latina, posto que as causas que a motivem não sejam por toda a parte as mesmas, variem, segundo os diversos paizes. Em França por exemplo, o vicio pedagogico é a sobrecarga dos programmas, são os defeituosos methodos de ensino, é a preoccupação futil da rhetorica e da philosophia metaphysica, é a decantada questão do ensino classico e do ensino moderno, e isso para não falar na já celebre questão do

ensino congreganista, no monopoilo do ensino secundario, dividido entre o estado e a egreja.

Entre nós, as cousas são de ordem mui diversa; não nos faltam bons professores na posse dos melhores methodos de ensino; temos estabelecimentos modelos, como o Gymnasio Nacional, capaz de hombrear com os melhores que no genero visitei em Paris; e, sob o ponto de vista pedagogico, nada temos que invejar; ao contrario, estou firmemente convencido que n'este particular o nosso adeantamento sobre a maioria dos paizes europeos é indiscutivel. A obra de Benjamin Constant, sabia, philosophica e sensata, deve ser mantida em seus lineamentos geraes, só permittindo retoques nos detalhes e pormenores.

Duas são as grandes causas que concorrem quasi exclusivamente para o rebaixamento do nivel da instrucção secundaria entre nós:

1° A influencia prejudicial exercida pelos paes ou tutores dos alumnos, em virtude da falta de preparo e de uma sã orientação.

2° Incompetencia e indulgencia culposa por parte das mesas examinadoras.

A primeira causa, subordinando-se a uma questão de raça e de educação do povo, obedecendo em parte á famosa tendencia pratica e utilitaria da época, é daquellas para as quaes não ha prompto remedio. Será

precisa uma propaganda tenaz, incessante, reiterada, prolongando-se por decennios, para que se consiga algum resultado.

Quanto á segunda, porém, não nos será difficil removel-a de prompto, o que virá certamente, minorar, sinão mesmo supprimir, o mal que nos consome. Outr'ora, quando o estudo dos preparatorios era uma realidade entre nós, as mesas examinadoras compunham-se dos professores do Collegio Pedro II, sob a presidencia de um professor de escola superior ou de um homem de grande respeitabilidade, tirado da magistratura, do funccionalismo publico, da representação nacional. Eu ainda alcancei algumas destas mesas e lembro-me ainda da de portuguez, presidida pelo conselheiro Bandeira de Mello, da de francez sob a presidencia do actual ministro das relações exteriores, sr. barão do Rio Branco, e da qual fazia parte como examinador o famoso Halbout, professor do Collegio Pedro II e terror dos estudantes.

Depois, a politicagem damninha e perniciosa invadiu este ramo dos publicos negocios. O governo começou a nomear, para constituir as mesas examinadoras, afilhados sem competencia, professores de collegios particulares, explicadores, etc.

Eu fui examinado e approvado plenamente em philosophia pelo professor do collegio, cujas aulas frequentava, e que nos

déra no maximo umas seis lições. A rhetorica estudei-a eu em menos de um mez; exigiam-se naquelle tempo apenas 14 pontos que a minha memoria de adolescente decorou facilmente; fui approvado com distincção, mas, desconfio ainda hoje, senhores, que os meus examinadores, entre os quaes não figurava um só professor, sabiam menos do que eu.

Apontei-vos as causas que se me afiguram mais efficientes na producção do mal que nos afflige. Vejamos agora o remedio. Será por ventura o exame de madureza, adoptado quanto antes, como aconselham todos aquelles que se têm pronunciado sobre o assumpto? A meu ver, seria um erro, uma illusão; o remedio proposto viria aggravar ainda mais a situação do afflicto.

Persistindo os mesmos vicios na organização das mezas de exame, seria mais facil ao alumno conseguir a benevolencia dos 6 a 8 examinadores que compõem a banca de madureza, do que de 30 que tantos são os que entram na constituição das mezas de exames parcellados.

Eu por vezes chego a convencer-me, srs. que as nossas instituições são muito boas, e que o mal reside nos homens ainda não preparados para ellas, e tal convicção exaggera ainda mais a minha preoccupação pelos problemas da instrucção publica, unicos capazes de elevar o nivel da educação

nacional e de collocar os nossos homens na altura de muitas instituições liberaes e adeantadas que possuimos.

E' mister fazer a necessaria distincção entre ensino parcellado e de madureza e exame parcellado e de madureza. Eu sou firme apologista do ensino pelo regimen de madureza e penso deve ser elle generalisado a todo o paiz. Quanto ao exame de madureza, só póde elle dar resultados efficazes quando applicado a alumnos que frequentaram desde o 1º anno um estabelecimento serio e bem organizado, que vão ser examinados pelos proprios professores e julgados de accordo com as médias obtidas em todo o curso. Para os alumnos extranhos ao estabelecimento, os exames parcellados constituem provas muito mais completas de verificação de habilitação, do que o exame de madureza.

Este regimen de exames, como sabeis, de ha muito foi adoptado em França; pois bem, ouvi o que a respeito escreveu o sr. Lavisse, director da instrucção publica e professor da Faculdade de Letras de Paris:

«Il ne se passe pas de session de baccalauréat où des examinateurs ne soient emportés par l'indignation, en constatant que des jeunes gens ne savent point l'histoire de nos dèfaites de 1870, ne connaissent pas le tracé de notre frontière de l'Est, ont oublié Métz, ou bien donnent Nancy á l'Allemagne.»

Eu vos disse,srs.,que o mal era geral,que estendia-se a outros paizes; no entretanto não se observa na Allemanha, na Austria, Suissa e Hollanda. Por que? Porque nestes ultimos paizes o ensino secundario é encarado de modo mui diverso; sem fazer parte integrante da Universidade, acha-se elle intimamente ligado e subordinado, como um complemento que é do ensino superior. Não é o governo que escolhe e designa as mezas examinadoras para os exames dos preparatorios. As habilitações dos alumnos que estudam humanidades e querem cursar os institutos de ensino superior, são verificados e julgados pela propria Universidade. E' esta que decide si o alumno tem o preparo intellectual sufficiente para emprehender estudos superiores.

Um dos mais apreciados e competentes criticos portuguezes, o sr. Ramalho Ortigão, indicando os factos capitaes que distinguem de organização portugueza a organização do ensino na Hollanda, assignala em 1· logar o seguinte: « 1· A estreita relação entre o ensino superior e o secundario, fazendo da Universidade a prolongação do Lyceu, e dando por fim aos dois estabelecimentos ministrar o gráo elementar e o gráo completo do mesmo ensino.

D'ahi resulta, que os programmas do ensino, tão confusamente organisados pela administração portugueza, se deduzem na-

turalmente na Hollanda da organização culminante do ensino superior. A Universidade desdobra do seu programma a parte elementar de cada um dos ramos dos conhecimentos humanos que tem por fim ministrar, e é essa parte inicial do ensino universitario que o lyceu distribue.»

Acredito, srs., que o problema da instrucção secundaria entre nós encontrará solução cabal e satisfactoria na instituição da Universidade, de accordo com o plano que elaborei. Segundo este plano, a Universidade brasileira, autonoma e independente sem ligações immediatas com a politica e o governo, encarregar-se-á do ensino secundario, organizando os respectivos programmas, fundando um estabelecimento modelo, sob a denominação de Faculdade de Letras, onde o ensino será ministrado pelo methodo de madureza. Incumbir-se-á egualmente de verificar as habilitações dos alumnos que estudaram humanidades nos collegios e estabelecimentos particulares e destinavam-se á frequencia dos cursos superiores. A estes alumnos fica garantido o direito da escolha do regimen de exames a que querem submmetter-se, si de madureza, si parcellado, consoante o ensino que receberam.

Passemos agora ao problema da instrucção superior e vejamos em que condições se acha ella, quaes os seus resultados e

quaes os meios mais efficazes para melhoral-a.

Excepção feita da Escola Polytechnica todas as nossas Faculdades são accórdes em asseverar que o nivel da instrucção superior tem baixado sensivelmente nestes ultimos annos. Não creio que a propria Escola Polytechnica esteja em alta maré de prosperidades; as successivas reformas por que tem passado neste ultimo decennio, a ultima das quaes depende ainda de sancção legislativa, traduzem, a meu ver, um mal estar que de balde se tem procurado debellar.

Os nossos institutos de ensino superior official e livre acham-se de ordinario muito mal alojados, dispõem de installações acanhadas e improprias. O material de ensino é por toda a parte antiquado e deficiente; os musêos, laboratorios, bibliothecas e gabinetes são pauperrimos. Os professôres sem estimulos, sem enthusiasmos, pessimamente remunerados, porque o governo faz-lhes tão sómente a mercê de não permittir que morram a fome, não podêm consagrar-se exclusivamente ao desempenho da sua nobre e elevada missão. Si têm familia e querem cumprir o dever de educal-a, si para resguardo do decôro do proprio cargo desejam conservar uma certa posição na sociedade em que vivem, hão de forçosamente procurar fóra do magisterio recursos,

porque o que lhes paga a nação mal dá para a casa e comida.

No entretanto, cumpre registrar uma verdade em abono d'esta classe tão desamparada pelos poderes publicos. Sem embargo dos sacrificios a que é obrigada para a compra de livros e assignatura de revistas, conseguiu ella cultura intellectual relativamente bem elevada, em ordem a não receiar confronto com a de muitos Institutos estrangeiros, e a podermos asseverar que os professores de hoje têm, em regra geral, preparo muitissimo superior aos de outr'ora. E si o nivel da instrucção superior baixou, si a média de aproveitamento dos alumnos em nossas faculdades é hoje muito inferior a que se observava ha 30 annos atraz, não cabe por tal facto culpa alguma aos membros do magisterio superior. A prova está em que entre os alumnos que cursam as nossas escolas superiores, muitos encontram-se dispondo de cultura intellectual e de preparo scientifico como nunca se observou em tempos idos, moços que ao deixarem os bancos academicos acham-se perfeitamente habilitados não só para o exercicio profissional como ainda para disputarem um logar no magisterio. E' uma excepção, eu convenho, mas uma excepção que muito honra aos mestres que os guiaram em seus estudos.

Entre as causas que mais têm concorrido

para a decadencia do ensino superior entre-nós, eu citarei as seguintes:

1° Deficiencia de preparo em humanidades por parte dos alumnos.

2° Influencia absorvente e malefica, exercida pelo governo sobre os nossos institutos de ensino superior.

3° Organização defeituosa destes Institutos no que diz respeito ás disciplinas leccionadas e respectiva seriação,ao regimen das aulas, trabalhos praticos, exames, disciplina escolar, etc.

4° Deficiencia do material de ensino.

5° Falta de estimulo e emulação para os mestres e discipulos.

6° Obrigatoriedade do ensino inconveniente e vexatorio, succedendo-se á desregrada licença que tão perniciosa foi a instrucção superior.

7° Benegnidade e exaggerada benevolencia por parte das mesas examinadoras,

Eis as principaes causas que têm concorrido para a decadencia do ensino superior entre nós. Sinto que o tempo não me permitta discutil-as, uma por uma, com o necessario desenvolvimento, referindo factos e exemplos em ordem a justifical-as e a mostrar-vos a intensidade maior ou menor de sua acção nociva. Vou, no entretanto alludir muito por alto a algumas dellas, para desde logo entrar no estudo dos meios capazes de removel-as.

Sem um solido e rasoavel preparo em humanidades, não poderá o estudante retirar o necessario proveito dos estudos scientificos e profissionaes que vai emprehender em uma faculdade. Além dos conhecimentos basicos indispensaveis para a boa comprehensão dos assumptos superiores, o estudo dos preparatorios exerce influencia poderosissima sobre o desenvolvimento das faculdades intellectuaes, memoria,attenção e raciocinio, que serão a cada instante solicitados na nova aprendizagem iniciada.

Por outro lado, só se estuda por vocação especial ou por habito; a vocação é rara; em 100 alumnos encontra-se 5 dotados de um natural pendor, de um acendrado amor pela futura profissão. Os outros devem estudar por habito; ora, este não é de facil acquisição mórmente em um clima desfavoravel como o nosso, e quando não contrahido na adolescencia, mui difficil sinão impossivel será conseguil-o mais tarde.

Actualmente a maioria dos estudantes tendo feito os preparatorios *à vol d'oiseau* sem o trabalho de estudal-os; chega ás faculdades sem habito de estudo e sem o desenvolvimento intellectual inprescindivel á comprehensão dos altos estudos. Não admira, pois, que a media de aproveitamento por parte dos alumnos revele-se hoje em dia inferior posto que o ensino ministrado

seja evidentemente melhor do que o de outros tempos passados.

A influencia exercida pela politica e pelo governo sobre os nossos institutos de ensino é uma das cousas que mais poderosamente tem influido para o definhamento em que elles jazem e para a decadencia da instrucção superior. Em parte alguma do mundo se observa uma interferencia do governo tão directa e tão activa como entre nós.

Não existe — posso egualmente assegurar-vos — em paiz algum dos que visitei faculdades e institutos de ensino superior, cujas corporações docentes gozem de tão pouca autonomia no que diz respeito á parte scientifica propriamente dita e disciplinar, como entre nós.

De resto, não está tão longe de nossos dias, para que a memoria se tenha perdido, uma época na qual não houve pretenção ou pedido por mais estravagante que fosse dos estudantes que não lograsse a sancção ministerial. Permitta-me que não insista no assumpto, bem conhecido aliás de todos quantos se interessam pelo ensino.

A obrigatoriedade de frequencia como foi instituida pela ultima reforma, com a chamada em aula e o ponto marcado pelos bedeis, é inconveniente, vexatoria e de effeito illusorio. A licença desregrada em cujo regimen vivemos tantos annos, deu os mais

perniciosos resultados e não mais deverá ser restabelecida. Entre uma e outra vamos encontrar a solução mais razoavel e satisfatoria.

Para que o ensino seja efficaz, para que o alumno delle retire a maior somma de proveito, é mister que entre o mestre e o discipulo reine sempre a maior cordialidade; que o discipulo considere, respeite e estime o seu professor; que encontre, no ensino por elle ministrado, attractivo e interesse. Impôr a um alumno um mestre com quem não sympathisa, a quem aborrece ou detesta por motivos que não vem a pêlo indagar; obrigal-o a assistir ás lições deste professor é um desproposito, um absurdo, um attentado á liberdade individual.

O estudante deve ter o direito de escolher o mestre com quem quer aprender, aquelle que maior sympathia lhe inspira, cujos methodos de ensino mais lhe agradam. Uma vez escolhido o professor, deve o discipulo frequentar assiduamente suas aulas e trabalhos praticos, manter com elle a maior convivencia possivel, permutando idéas e impressões. Só assim será o ensino efficaz e proveitoso.

Apontei-vos, senhores as causas do mal; vejamos agora os remedios a oppôr. Tres são as soluções propostas para o problema:

1ª. Transformação do actual ensino superior em ensino meramente profissional e

creação de varias escolas adaptadas a esse fim.

2° Manutenção do *statu quo*, das nossas faculdades, com modificações em ordem a corrigir-lhes os defeitos.

3° Creação de uma ou mais universidades.

A primeira solução é completamente inefficaz e a meu ver de effeitos contraproducentes. Já em minha primeira conferencia referi-me ao assumpto e vos fiz ver que estas escólas technicas, destinadas ao ensino exclusivamente profissional não representavam nem podiam representar a ultima palavra em materia de instrucção superior; deviam antes ser consideradas como um estado provisorio, uma interinidade, uma transição.

A 2° solução indicada poderia melhorar as nossas condições actuaes; para isso, porém, haveria mister grande augmento de despezas por parte dos cofres publicos, e ainda mais, que as modificações fossem radicaes e profundas; que se acabasse, por exemplo, com esta farça de ensino livre que floresce entre nós, representado por faculdades, que de livres só têm o nome, que não gosam da minima parcella de liberdade didactica e nas quaes o governo tem ingerencia até na organização das mesas de exames.

Apezar das grandes modificações a que venho de alludir, a solução seria incompleta,

porque, mantendo-se as faculdades isoladas, ainda mesmo que se lhes desse maiores prerogativas, a sciencia, os mestres e os alumnos deixariam de auferir as indiscutiveis vantagens que promanam do regimen universitario.

A organisação que possuimos, copiamol-a da França que, sem fallar no Brasil, é talvez o unico paiz do mundo que possue ainda faculdades isoladas. Por toda a parte o ensino superior tomou a forma universitaria. Ha universidades nos paizes de todas as raças, entre os mais pequenos povos, como entre as maiores nações, no novo mundo, como no antigo e até no Japão ; em toda a parte onde penetrou a civilisação reconheceu-se a superioridade do regimen universitario.

A propria França de ha muito está convencida desta verdade e si ainda não fez a reforma das suas faculdades é pelo grande apego á tradição, pelo espirito de rotina e pelo receio de não poder crear desde já institutos que em importancia e sumptuosidade fossem hombrear com os de sua rival de além Rheno.

Por muitos annos viveu a França illudida, dormindo emballada pelas fagueiras auras da fama adquirida nas conquistas politico-sociaes de revolução, do consulado e do 1º imperio. Foram precisos os desastres de 1870 para despertal-a ; e ainda mais, foi

necessario que um dominicano, o padre Didon, partisse para Berlim, se inscrevesse como alumno de sua universidade e publicasse depois um livro sobre o ensino na Allemanha, para que a França se apercebesse do atrazo em que estava. Este livro, que logrou um successo extraordinario, esgotando-se em pouco tempo mais de vinte edições, é uma narrativa eloquente, fiel e commovedora do que o seu autor viu e observou; della resalta a grande superioridade do ensino ministrado na Allemanha. O governo francez enviou depois delegados especiaes a Berlim, Leipzig, Herdelberg e Vienna; todos confirmaram as opiniões e descripções do padre Didon e pediram para a França institutos vasados nos moldes allemães. Um delles, o professor Blanchard, termina o seu relatorio com as seguintes palavras: «Estamos já muito distanciados; o mal, entretanto, ainda é reparavel; si não cuidarmos delle, será em breve inteiramente irreparavel.»

A propaganda que se estabeleceu na França levou a convicção a todos, inclusive aos altos funccionarios que se acham á frente do departamento da instrucção publica. Eis como se pronuncia o sr L. Liard, actual reitor da Universidade de Paris.

«Convem que os alumnos recebam as noções de que hão de carecer na pratica, mas cumpre-lhes igualmente trazer da Es-

cola a convicção de que acima dos seus conhecimentos especiaes e particulares ha um espirito commum que tudo remata e do qual tudo deriva. Ora, a Faculdade isolada não póde fornecel-a com segurança Ella ensina o direito a medicina, as sciencias e as lettras; mas conserva os espiritos como entre duas paredes e só lhes deixa perceber um segmento da realidade. Só a Universidade, que ensina tudo, pode sem convidar os espiritos a aprenderem tudo, dar-lhes a visão da sciencia inteira e fazer-lhes sentir, acima dos diversos degráos do saber, sua coordenação e unidade. Para o progresso da sciencia e para a cultura superior do espirito é a Universidade o mais perfeito apparelho, pois, como a sciencia e como o espirito, é um e multiplo ao mesmo tempo.»

O sr. E. Lavisse, director da instrucção publica em França, depois de mostrar quanto tem a França que invejar ás universidades allemãs, ricas, poderosas, bem organizadas e prosperas, escreve: «O systema das universidades é muitissimo superior ao das faculdades isoladas, que acreditam formar um todo e, no entretanto, cada uma dellas na realidade não passa de um conjuncto de fragmentos.»

Eu poderia, senhores, insistir em mais considerações, citar autores inglezes, italianos e mesmo brasileiros em ordem e demonstrar-vos a superioridade do regimen

universitario. Timbrei, porém, em referir-vos a opinião dos francezes, hoje quasi unanime, porque foi da França que copiamos a defeituosa organização que possuimos. E si a grande maioria dos professores, publicistas e estadistas francezes confessam e reconhecem a inferioridade e os inconvenientes do regimen de faculdades isoladas, porque havemos de ter a teimosia de querer manter uma organização caduca e condemnada?

Em virtude do adeantamento da hora, deixo de insistir neste assumpto e de referir-me a outros que figuravam no meu programma, e passo desde já a justificar a minha quarta proposição, concebida nestes termos:

A's nniversidades brasileiras não se poderá nem se deverá applicar cegamente nenhuma das organizações européas; para que dêm resultados proficuos, devem ellas ser organizadas de modo um tanto original, conservando as tradições do nosso ensino e as conquistas por elle realizadas e amoldando-se á influencia do meio, em ordem a attender á indole e estado de civilisação do povo brasileiro, mui diversos dos observados em qualquer paiz da Europa.

Permitti, senhores, que, antes de discutir e indicar qual o typo que melhor nos convem adoptar, eu procure convencer-vos que podemos desde já fundar no Brasil quatro universidades: uma em cada uma das cidades do Rio de Janeiro, S. Paulo, Bahia e

ecife. No primeiro projecto que elaborei, por ordem de s. ex. o sr. ministro da justiça, a idéa de creação de universidades, nestas ultimas cidades, foi consagrada como uma aspiração a ser realizada mais tarde, quando o permittissem as condições financeiras do paiz,

Reflectindo posteriormente sobre o assumpto,convenci-me de que tal idéa podia ter desde já começo de execução, e que, *ad instar* do que fizeram a Allemanha e a Italia, podiamos fundar naquellas cidades Universidades incompletas, reunindo-se para esse fim as Faculdades federaes e os institutos de ensino secundario e superior mantidos pelos Estados. Em S. Paulo, por exemplo á Faculdade de direito poder-se-ia reunir o Gymnasio Estadual e a Escola Polytechnica mantida pelo governo local. Com estas tres Faculdades ficaria desde logo constituida a Universidade, gozando de personalidade juridica e de autonomia completa, dispondo de patrimonio, etc. A esta Universidade não seria difficil, aproveitando as duplicatas de cadeiras no Gymnasio e Escola Polytechnica, crear uma Faculdade de Sciencias Physicas e Naturaes e de Mathematicas.

Não creio que os governos dos Estados se opponham á realização deste plano, e desde que continuem a concorrer com as verbas necessarias á manutenção e custeamento dos

institutos estaduaes annexados á Universidade, o excesso de despeza por parte da União será insignificante, limitado tão sómente aos vencimentos do reitor, dos directores e vice-directores das Faculdades.

A installação destes centros universitarios nos Estados é de consideravel alcance para o futuro do ensino secundario e superior no Brasil. A descentralização administrativa, assegurada pela autonomia e amplas prerogativas de que vão gozar os novos institutos, se coaduna admiravelmente com a nossa organização politica; e a unidade do ensino, condição a meu ver essencial, será garantida pelo regulamento universitario, verdadeiro codigo de disposições communs, pelo qual se regerão as quatro universidades federaes. Dispondo cada uma dellas de um patrimonio com fontes productivas de renda, não será difficil ás novas universidades completarem-se no fim de alguns annos, sem a intervenção do governo federal e consequente augmento de despezas por parte da União. E dest'arte, o ensino superior e secundario, que arrasta actualmente nos Estados uma vida difficil e acanhada, encontraria meios faceis e efficazes para o seu desenvolvimento, resultando d'ahi vantagens que a ninguem é dado contestar.

Por outro lado, da existencia de quatro universidades, estabelecendo entre si verdadeira concorrencia no terreno scientifico, ha

de forçosamente resultar uma salutar e efficaz emulação muito proveitosa para o ensino.

A creação de universidades incompletas não é uma idéa nova. Já no seculo XVIII o presidente ROLLAND lembrára este alvitre para a França. Algumas universidades allemãs começaram com 2 e 3 faculdades apenas e foram se completando no correr dos annos. Na Italia existem ainda universidades maiores e menores. Finalmente, no seu recente livro *Universités et Facultés*, pag. 206, M. LIARD, actual reitor da Universidade de Paris, preconisa esta idéa.

Consideradas em seu conjuncto, as universidades européas podem ser reduzidas a 3 typos principaes: o inglez, o francez e o allemão. As universidades inglezas de Oxford e de Cambridge, representantes immutaveis de obsoletas tradições e de antigas instituições, conservam ainda as formas originarias da universidade medieval. Seria um absurdo querer hoje ainda imital-as.

A universidade franceza é puramente virtual, existe, para que assim o digamos, no papel. As faculdades que a compõem, têm vida isolada, acham-se apenas justa postas; não ha penetração intima não ha constituição de um corpo definido; não ha verdadeiro regimen universitario. A universidade franceza é, na phrase de Royer Collard, o proprio governo applicado á direcção geral

do ensino. Foi este o typo a que obedeceu o projecto do conselheiro Leoncio de Carvalho. Como já vos fiz ver, os proprios francezes reconhecem e confessam os seus inconvenientes e a sua inferioridade. Adoptado no Brasil não melhoraria absolutamente as condições do nosso ensino, posto que acarretasse grande augmento de despezas.

Resta o typo allemão que incontestavelmente é o melhor e cuja superioridade vae sendo universalmente reconhecida. Este typo, porém, não póde ser cegamente applicado ao Brasil, não se coaduna com a nossa indole, com os habitos e o estado de civilização do povo.

E' mister fazel-o passar por modificações mais ou menos accentuadas, em ordem a obter uma conveniente adaptação. Foi o que emprehendi e acredito ter conseguido. A universidade allemã compõe-se de quatro faculdades: Theologia, Philosophia, Medicina e Jurisprudencia.

Supprimiu a Theologia, em vez de Philosophia propuz a creação de uma Faculdade de sciencias e institui uma Faculdade de Letras, destinada ao estudo de humanidades e portanto mui diverso dos que existem na Europa. Dei á universidade brasileira autonomia administrativa completa, muitissimo mais ampla do que as de que gosam as universidades allemãs; fiz modificações notaveis na parte disciplinar, supprimindo certas

penas ainda em uso na Allemanha e cassando o direito de recurso para o governo, porque si neste particular copiassemos servilmente a organisação allemã, si dessemos aos alumnos o direito de recorrer ao governo das penas disciplinares impostas pela universidade, estaria de vez morta a disciplina nos nossos Institutos de ensino.

Procurei conservar as tradições do nosso ensino incluindo na universidade a Escola Polytechnica, mantendo mais ou menos na faculdade de lettras a organisação de Benjamin Constant e nas demais faculdades as cadeiras e disciplinas ahi lecionadas.

Acredito firmemente que o ultimo projecto que venho de elaborar, depois que li e apreciei a critica feita ao primeiro com as modificações ahi consignadas, e entre ellas as que se referem aos pontos que poderiam ser inquinados de inconstitucionaes, vem corresponder ás necessidades do nosso ensino secundario e superior e dar a melhor solução para os problemas que lhe são attinentes.

Senhores, a hora está bem adiantada e eu sinto que já abusei por demais da vossa benevola attenção. Ao terminar, agradeço-vos penhoradissimo o sacrificio que fizestes vindo ouvir uma tão desalinhavada e incompetente exposição sobre assumpto de tanta relevancia.

Sr. ministro, permitti que em meu nome

individual e no de todos os que se acham reunidos neste recinto, eu vos apresente os nossos mais cordiaes agradecimentos pela honra que nos destes vindo assistir a esta conferencia. Sobre a vossa pessoa está fito o olhar da nação ; sois o depositario de nossas mais caras esperanças ; melhor do que ninguem conheceis o lastimavel serviço de ensino no Brasil ; melhor do que ninguem sabeis quaes os remedios mais efficazes a oppôr-lhe. Dos vossos primeiros actos, na effectividade do posto que em tão boa hora vos foi confiado, se inferem as excellentes intenções que vos animam e a sã orientação que vos guia. Esta agitação mesmo que ora se fez em torno da reforma do ensino e da creação da universidade é obra puramente vossa.

Pois bem ; continuai a dispensar o vosso valioso patrocinio á magnanima idéa que abraçastes ; ligai o vosso já glorioso nome á grande obra de regeneração e progresso e a memoria delle perdurará para todo o sempre festejada e abençoada.

Senhores membros da Federação academica: Déstes uma decidida prova de amor ao ensino e de acrysolado interesse pelo seu futuro, promovendo esta serie de conferencias e procurando inteirar-vos sobre o assumpto em debate. Vistes que a idéa de fundação de universidades no Brasil é perfeitamente viavel, e uma vez levada a effeito

ha de forçosamente trazer a regeneração completa da nossa instrucção secundaria e superior e com ella o progresso e o engrandecimento desta patria por que tanto estremecemos.

Lembrae-vos que não ha causa justa que não se torne vencedora entre nós, quando espósada com fé e enthusiasmo pela mocidade academica.

Pugnae, pois, pela Universidade. Vinde pressurosos, como apostolos da grande idéa, alistar-vos nesta santa cruzada em prol do ensino. Vinde cerrar fileiras em torno da bandeira desfraldada por este patriotico governo, que já garantiu ao nosso Brasil a integridade geographica, que vae iniciar as obras de saneamento do Rio de Janeiro e promover a grande reforma da instrucção, tornando dest'arte a Republica querida dos brasileiros e fazendo jús a gratidão nacional.

Pugnae pela Universidade que ha de recolher sob seus tectos hospitaleiros a mocidade sedenta de aprender, e transformal-a em profissionaes emeritos, em mestres consummados, em estadistas de valor, dotados todos de alta cultura intellectual e capazes de promover o progresso e o engrandecimento desta patria querida.

Não vos acovarde o desanimo neste caminhar affoito e resoluto por entre os sorrisos dos incredulos, a inercia dos indiffe-

rentes e os motejos dos invejosos. Pugnae pela Universidade e pela instituição de uma litteratura e sciencia nacionaes que venham quebrar os grilhões que nos prendem ainda ao estrangeiro e tirar-nos deste estado de servidão intellectual em que temos vivido até hoje.

Tomae para labaro de vossa cruzada a legendaria divisa das universidades allemãs *Sanctus amor patriæ dat animum* ou esta outra não menos significativa *Pro scientia, pro patria*, e não hesiteis um só instante, não permittaes que o vosso fervor se arrefeça, que o vosso enthusiasmo juvenil se entibie ás primeiras arremettidas; conservae sempre bem vivas a fé e a esperança na certeza de um triumpho brilhante, de uma victoria completa, porque pugnaes por uma causa de razão e de justiça, porque vos bateis pelo progresso da sciencia e pelo engrandecimento da patria!

Tenho concluido.

[redacted]

Stanford University L
Stanford, Californ

Return this book on or before

MAR 31 1972